

O Sonho de Penélope no Canto 19 da *Odisséia**

ALEXANDRA ROZOKOKI

Athens

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2006

I. CONTEXTO

O segundo dos três sonhos¹ de Penélope na *Odisséia* se encontra em 19.535ff.

Odisseu, ainda disfarçado de mendigo, está em sua casa depois de uma ausência de vinte anos. É tarde. Os hóspedes terminaram suas refeições noturnas, durante a qual demonstraram toda sua insolência, crueldade e impetuosidade contra o mendigo estrangeiro (Cantos 17 e 18); eles já deixaram o palácio e foram dormir (18.428). Telêmaco já se retirou para sua cama (19.47-50), depois de ter ajudado o pai a carregar as armas do salão e levá-las para o interior (19.31-46). As criadas estão limpando os restos da refeição das mesas no salão e alimentando o fogo dos braseiros (19.60-4). Penélope agora² tem a oportunidade de perguntar ao estrangeiro o que ele sabe a respeito de seu marido. Por uma série de questões e um cuidadoso escrutínio das respostas, ela passa a respeitar e a confiar no estrangeiro (19.253-4, 350-2). Considerando-o sensato e prudente (19.350-2), confia-lhe seus pensamentos mais íntimos, e pede a sua opinião sobre um sonho que tivera e que a intrigara³.

Em contraste aos outros sonhos (cf. *Od.* 4.795-841, 6.20-40), este não surge de uma cena *ao vivo* na narrativa do poema. O que interessa ao

* ROZOKOKI, Alexandra. 'Penelope's Dream in Book 19 of the Odyssey', *Classical Quarterly* 51.1, (2001), 1-6.

¹ Os outros dois estão em 4.795-841 e 20.87-90.

² Ver as instruções de Odisseu em 17.569-72 (e 17.582).

³ 535 ὑπόκριναι (ver 555 ὑποκρίνασθαι) com o significado de "interpretar", "explicar". O estrangeiro é consultado para elucidar o sonho e tomar uma posição quanto à interpretação nele anunciada. A. H. M. Kessels, *Studies on the Dream in Greek Literature* (Utrecht, 1978), 97, 121, n. 44, reivindica que o estrangeiro é abordado apenas para opinar se a interpretação do sonho era correta ou não.

poeta é a discussão que o envolve, seu impacto no estrangeiro (ou seja, Odisseu) e o anúncio de Penélope – no ápice do diálogo – a respeito da competição de arco e flecha que promoverá. Presume-se que Penélope tenha tido esse sonho recentemente, durante o grande dilema que a atormentava e a mantinha acordada à noite: permanecer na casa de seu marido, próxima de seu filho e a salvo com suas posses, suas escravas, e o palácio; ou aceitar o pedido de casamento do melhor dos pretendentes (aquele que oferecerá os presentes mais valiosos), para que Telêmaco possa enfim assumir o controle de suas heranças.

Atormentada por tais pensamentos, Penélope teve um sonho simbólico, cujo propósito seria informá-la da chegada de Odisseu e a decorrente destruição dos pretendentes. Assim ela o conta a Odisseu: vinte gansos eram mantidos no palácio, os quais Penélope gostava de observar. Os gansos comiam trigo em algum lugar distante das calhas de água⁴. De repente, uma águia – vinda do alto de uma montanha – mergulhava contra os gansos, assassinava-os todos, e partia novamente para o céu. Os gansos mortos se espalhavam em volta do palácio. Penélope chorava deploravelmente, e outras mulheres vinham ao seu lado para confortá-la. A águia, então, retornava, pousava no espigão do telhado e, com uma voz humana, dizia para Penélope ter coragem, à medida que não se tratava de um sonho, mas de uma aparição real que haveria de se cumprir: os gansos simbolizavam os pretendentes, e a águia representava seu marido, prestes a desferir uma violenta morte aos pretendentes. Penélope acordou e, perturbada, olhou à sua volta até avistar os gansos, no palácio, alimentando-se como antes.

Este é o único sonho nos poemas homéricos onde podemos observar profundas mudanças no estado emocional de uma personagem. As emoções de Penélope no sonho mudam de alegria a melancolia (537, 541, 543): ela acorda perturbada e apreensiva, e em seguida é confortada ao ver os gansos

⁴ De acordo com J. Russo, em J. Russo, M. Fernández-Galiano, e A. Heubeck (edd.), *A Commentary on Homer's Odyssey*, vol. III: Books 17-24 (Oxford, 1992), 101-2 em 537, a frase ἐξ ὕδατος pode ser regida pela palavra πυρόν (o trigo estava dentro de uma calha de água) ou pela palavra χῆνες (denotando lugar: distante da água). Esta me parece mais provável.

ilesos (551-3). Ela permanece intrigada quanto ao significado do seu sonho (535), e indecisa se deveria realmente levá-lo a sério (560-9).

II. COMENTÁRIOS

O poeta aqui deliberadamente escolheu a forma masculina da palavra χήν (540 ἄθροοι, 553 ἐρεπτομένους), uma vez que os gansos simbolizam os pretendentes⁵. A figura ἐείκοσι (536), assim como em outras passagens na *Odisséia* (13.98, 20.158, 22.57), é usada para denotar um número expressivo. O poeta não queria dar uma imagem exata (em 16.247-51 nós já somos informados de que há 108 pretendentes); um bando de vinte gansos é suficientemente grande para significar a totalidade dos pretendentes⁶.

536 κατὰ οἶκον, πυρὸν ἔδουσιν: uma metáfora para os pretendentes que perambulavam ao redor do palácio e das extravagantes riquezas de Odisseu.

536, 543 μοι: cada um desses dativos tem um significado duplo ao considerarmos as emoções que eles expressam, e temos sempre uma profunda ironia. μοι (536): Penélope não percebe imediatamente o que os gansos simbolizam, e está feliz a observá-los enquanto eles comem e crescem; mas, na realidade, ela deveria estar insatisfeita. μοι (543): Penélope

⁵ Em 15.160-78, a palavra χήν é feminina (161 ἀργήν, 174 ἀτιταλλομένην). Isso se deve ao fato de que aqui a gansa fêmea não simboliza os pretendentes, mas a situação de licenciosidade que eles criaram durante a ausência de Odisseu. Odisseu vem de outro lugar (assim como a águia vem da montanha) para corrigir a situação, punindo os culpados.

⁶ L. Pratt, 'Odyssey 19.535-50: on the interpretation of dreams and signs in Homer', *CPh* 89 (1994), 147-52, em 150-1, oferece uma interpretação diferente. Ela acredita que o número vinte se refere ao número de anos que Penélope aguardou. E a destruição dos vinte gansos simbolizaria o fim desta longa espera. Quanto a esta conclusão, Pratt foi influenciada por *Il.* 2.305-30, onde, de acordo com a interpretação de Calcas, o número de aves simboliza o número de anos. Eu não concordo com esta tese, porque, de acordo com a interpretação provida pelo próprio sonho (19.548-50), os gansos simbolizam os pretendentes e não um certo número de anos. A. N. Athanassakis, 'Penelope's dream in the context of the eagle against serpent motif', *Hellenica* 38 (1987), 260-8, em 263, sugere que, do número total de pretendentes, Penélope é particularmente afeiçoada por vinte deles, daí o número correspondente a vinte gansos. Mas esta teoria não é apoiada em nenhuma passagem do poema. Em outra parte, Athanassakis argumenta que o número vinte contém uma subliminidade antagônica (!), se considerarmos 19.235 (ver 'Ο ἀετός τοῦ ἐνείρου τῆς Πηνελόπης στήν τρισχιλιετή ἐλληνική ποιητική παράδοση', *Proceedings of the Seventh Conference on the Odyssey [3-8 September 1993]* [Ithaca, 1995], 199-217, em 202).

considera a morte dos gansos pela águia algo catastrófico, e chora; mas ela deveria estar feliz.

O paralelismo entre Odisseu e uma águia já era feito em outra passagem (15.160-78). A imagem das aves de rapina que perseguem e aniquilam outras aves amedrontadas aparece como uma fórmula para a destruição dos pretendentes (cf. também 22.302-6).

539 πᾶσι: nenhum dos pretendentes será salvo.

539 ἐκέχυντο: o mesmo verbo é usado em uma cena semelhante durante o assassinato dos pretendentes (22.389).

537, 541, 543 A afeição de Penélope pelos gansos (isto é, pelos pretendentes) tem sido muitas vezes confundida pelos estudiosos. Vannan Rankin acredita que Penélope revela seu verdadeiro sentimento nesta passagem. O desejo de reter os pretendentes seria mais forte que o desejo da volta de Odisseu. Secretamente, ela se inclinaria à idéia de se casar com um deles, e seria por esta razão que estaria ansiosa por promover a competição de arco e flecha, em um momento que muitas coisas pareciam predizer o retorno de seu marido⁷. De acordo com Russo, o lamento de Penélope, retratado com profundidade no poema, revela que, subconscientemente, seus sentimentos pelos pretendentes não seriam tão hostis⁸. Felson-Rubin percebe um flerte na atitude de Penélope com relação aos pretendentes: assim como Odisseu teria desfrutado de suas aventuras, mesmo quando elas adiavam seu retorno junto de seus companheiros para Ítaca, Penélope também teria desfrutado de contemplar seus gansos⁹. Katz também argumenta que Penélope cultivava sentimentos de afeição com relação aos pretendentes¹⁰, mas que apenas tais sentimentos não são de todo substanciados pela narrativa do poema. De fato, justamente o oposto é verdadeiro. Em 17.530-47, Penélope aparece indignada com o comportamento irresponsável dos pretendentes, e fica feliz quando seu desejo de que eles sejam punidos é

⁷ A. Vannan Rankin, 'Penelope's dreams in Books XIX and XX of the Odyssey', *Helikon* 2 (1962), 617-24.

⁸ J. Russo, 'Interview and aftermath: dream, fantasy and intuition in *Odyssey* 19 and 20', *AJPh* 103 (1982), 4-18, em 9. Ver também id. (n. 4), 102 em 541.

⁹ N. Felson-Rubin, 'Penelope's perspective: character from plot', em J. M. Bremer, I. J. F. De Jong, e J. Kalf (edd.), *Homer: Beyond Oral Poetry. Recent Trends in Homeric Interpretation* (Amsterdam, 1987) 61-83, em 73-4.

¹⁰ M. A. Katz, *Penelope's Renown: Meaning and Indeterminacy in the Odyssey* (Princeton, 1991), 146-7.

acompanhado por um sinal positivo, o alto espirro de Telêmaco. Em 17.499 e 18.165, ela expressa seu desgosto diante dos pretendentes, em 17.494 ela deseja a morte de Antínoo, e em 19.569 ela reconhece que tanto ela quanto seu filho deveriam aceitar alegremente o sonho temeroso se ele viesse a se tornar verdadeiro. Assim, deve-se interpretar suas reações emocionais nas linhas 537, 541 e 543 como algo completamente natural, à medida que Penélope ainda não estava ciente do que realmente se escondia por trás do sonho¹¹. A interpretação para o sonho viria apenas em seguida.

544 ἐπὶ προὔχοντι μελάθρῳ: uma águia goza de posição proeminente (especialmente quando ela realiza tão grande feito quanto a destruição de tantos gansos). E isso acrescenta autoridade ao que ela está para anunciar.

547 A realização do que era anunciado no sonho é expressa de duas maneiras nesta linha: (i) pela palavra ὅπαρ, e (ii) pelo uso do futuro perfeito (τετελεσμένον ἔσται). Um contraste é feito entre ὅπαρ (uma verdadeira aparição, realidade) e ὄναρ (um sonho enganoso, fantasia). ἐσθλόν: relata algo bom. Portanto, é desnecessário que ela chore. É neste ponto que ela fica intrigada e seus pensamentos e sentimentos ficam confusos.

É válido notar o uso dos tempos verbais para este sonho: ἔδουσιν (536), ἔαξε (539), e ἔκτανεν (539) estão no aoristo: o empreendimento da destruição aparece tão rapidamente quanto um relâmpago. ἐκέχυντο (539) no passado perfeito; a destruição é completa. τετελεσμένον ἔσται (547) no futuro perfeito; o que Penélope sonhou e o que a águia descreve serão certamente cumpridos. εἰλήλουθα (549) no perfeito, uma vez que Odisseu já está no palácio. ἐφήσω (550) no tempo futuro, já que a chacina dos pretendentes se cumprirá (cf. 557 τελέει, 558 ἀλύξει).

550 πᾶσι (cf. também 539, 558): em cada uma das vezes a referência é deliberada. Odisseu está ansioso em relação à estratégia que empreenderá para destruir todos os pretendentes (cf. 22-381-2 onde ele olha com cuidado e ansiedade ao redor do salão, prevendo o modo pelo qual nenhum pretendente poderá lhe escapar).

¹¹ Ver Kessels (n. 3), 94; R. B. Rutherford, *Homer: Odyssey, Books 19 and 20* (Cambridge, 1992), 194-5; Pratt (n. 6), 149.

568 αἰνόν ὄνειρον: tanto o conteúdo quanto o impacto do sonho sobre o estado psicológico de Penélope (ela está perturbada, desorientada) justifica o termo terrível.

581 ἐν περ ὄνειρον: com esta frase, Penélope termina a discussão do sonho simbólico (ver 535 ἀλλ' ἄγε μοι τὸν ὄνειρον . . .). Em sua confusão, ela acredita que o sonho que ela viu e que se tornará real é enganoso. Em contraste, ela considera possível um outro sonho que não se cumprirá: ela, na casa de seu novo esposo, a sonhar com a vida que teve no palácio de Odisseu.

III. CONCLUSÕES

Este é o único sonho nos poemas homéricos que contém a própria explicação. Em todos os outros exemplos (aparições de divindades: *Il.* 2.20-34, *Od.* 6.20-40, aparições da morte: *Il.* 23.65-101, imagens feitas por divindades: *Od.* 4.795-841, etc.) o significado é claro e a interpretação é desnecessária.

No sonho, assim como na realidade, é Odisseu quem o esclarece; em uma ocasião transformado em uma águia, em outra transformado em um mendigo¹². A reação de Penélope nas linhas 552-3 é completamente espontânea. Ela ainda não foi capaz de julgar o significado do sonho. O Odisseu da realidade confirma a interpretação oferecida pelo Odisseu do sonho (555-8). Ninguém pode contestar suas palavras, que são distinguidas pelo peso da autoridade (556-7).

Para Penélope, o sonho a informa de algo que ela tem desejado há muito tempo: o retorno de Odisseu e a destruição dos pretendentes¹³. Para Odisseu, o sonho é parte de uma série de augúrios (18.112-17, 20.102-21) e

¹² Baseado em *Il.* 1.62, Kessels (n. 3), 152-3, corretamente observa: 'é realmente notável que na *Odisséia*, no único momento em que um sonho parece depender de interpretação (19.535ff.), esta "interpretação" não seja submetida à consulta de um intérprete profissional, mas de um mendigo que calha de aparecer no palácio'.

¹³ O propósito do primeiro sonho de Penélope (4.795-841) era acalmá-la e encorajá-la quanto ao retorno seguro de Telêmaco. O terceiro sonho (20.87-90) a prepara para o reencontro com Odisseu. No primeiro sonho, o poeta deliberadamente deixa em aberto a questão do retorno de Odisseu, à medida que quer manter sua heroína em condição de incerteza e de dúvida até o último momento possível (23.205-30 onde Penélope finalmente reconhece Odisseu por completo).

promessas (cf. 13.392-6, 16.170-1, 20.47-51) cujo propósito é encorajá-lo na decisão de destruir os pretendentes. Assim como para o leitor, a observação de Duckworth de que o sonho se inclina a nos lembrar da inexorabilidade da morte dos pretendentes parece correta¹⁴. Latacz argumenta que o sonho de Penélope no Canto 19 funciona como um mecanismo usado pelo poeta para remeter ao reencontro de Penélope e Odisseu. Através do sonho, Odisseu é pela primeira vez convencido além de qualquer dúvida de que sua esposa não deseja nada além da destruição dos pretendentes pelas mãos de seu marido. Além disso, o sonho esclarece exatamente como isto terminará, e a resposta se desdobra na competição de arco e flecha¹⁵.

IV. AS PORTAS DE CHIFRE E DE MARFIM

Depois da descrição do sonho e a interpretação oferecida por Odisseu/o mendigo, Penélope expressa sua própria opinião acerca dos sonhos (560-7). Ela os caracteriza como inexplicáveis (560 ὄνειροι ἀμήχανοι), incoerentes (560 ἀκριτόμυθοι), e em parte irrealizáveis (561)¹⁶. Sonhos carecem de uma compleição real de “carne e osso”, são frágeis (562 ἀμενηνῶν . . . ὀνείρων). Todos os sonhos, diz ela, derivam de um entre dois tipos de portas: uma porta feita de chifre, e outra de marfim (562-3). Os sonhos oriundos da porta de marfim são ilusórios, enquanto que os da porta de chifre tornam-se verdadeiros (564-7). Penélope não acredita que seu sonho venha da porta de chifre, ou, de outro modo, ela o aceitaria com alegria (568-9). Em outras palavras, Penélope não acredita que Odisseu retornará e destruirá os pretendentes. Por esta razão, ela decide se casar com aquele que triunfar na competição de arco e flecha que ela promoverá pela manhã (570-81). Aquele que se superar em uma competição em que seu

¹⁴ G. E. Duckworth, *Foreshadowing and Suspense in the Epics of Homer, Apollinius and Vergil* (repr. New York, 1966), 52.

¹⁵ J. Latacz, ‘Lesersteuerung durch Träume Der Traum Penelopes im 19. Gesang der Odysse’, em *Kotinos: Festschrift für E. Simon* (Mainz/Rhein, 1992), 76-89, em 83-5.

¹⁶ 561 οὐδέ τι πάντα τελείεται ἀνθρώποισι: alguns sonhos se tornam reais, outros não. Aqui, πάντες (sc. ὄνειροι) é mais apropriado que πάντα. A interpretação ‘nem todos os sonhos predizem a verdade’ (ver R. Hampe, *Homer. Odysse. Neue Übersetzung, Nachwort und Register*, [Stuttgart, 1979], ad loc.) não se encaixa no que segue mais à frente. De acordo com o poema (564-7), todo sonho que vem pela porta de marfim prova-se falso, enquanto que os sonhos que vêm pela porta de chifre se tornam verdadeiros.

marido se superava é digno de tomar seu lugar. Penélope parece determinada a pôr esta situação em ordem. O período de adiamento e de espera que ela prolongou ao tecer e então destecer o manto de Laertes acabou. Ela está pessimista (571-2). Um dos pretendentes vencerá, e ela deve segui-lo, abandonando a casa de Odisseu, da qual ainda se lembrará em seus sonhos (579-81).

As portas de marfim e de chifre, a associação da primeira com a ilusão e a segunda com sonhos verdadeiros (562-7), há muito têm preocupado os estudiosos. Kessels¹⁷, Rutherford¹⁸ e Pollmann¹⁹ as consideram uma invenção *ad hoc* do poeta, um jogo sobre a etimologia das palavras ἐλέφας-ἐλεφαίρομαι (iludir), e κέρας-κραίνω (cumprir). Wilamowitz²⁰ e Hundt²¹ também procuram na etimologia a relação entre marfim = engano e chifre = verdade. Wilamowitz, no entanto, atribui as linhas 564-7 ao compilador do poema, enquanto Hundt as atribui ao poeta. Por outro lado, Rank argumenta que as duas portas dos sonhos não são uma invenção *ad hoc* de Homero, já que já são mencionadas em 4.809²². Highbarger localiza a origem desta crença em mitologias do Egito e da Mesopotâmia²³. Russo acredita que a conexão etimológica de ἐλέφας-ἐλεφαίρομαι, κέρας-κραίνω seja provavelmente uma criação do poeta. Ele não pode, contudo, explicar a origem do simbolismo chifre = verdade, marfim = engano²⁴. Amory, baseado em certas passagens como 19.211 (os olhos de Odisseu permanecendo imóveis como se fossem “feitos de chifre”) e 19.55-6 (Penélope sentando-se em sua cadeira feita de marfim e prata), argumenta que, no poema, chifre é associado a Odisseu, que sabe de toda a verdade, enquanto que marfim é associado a Penélope, que é ignorante

¹⁷ Ver Kessels (n. 3), 106-9.

¹⁸ Ver Rutherford (n. 11), 196 em 564-5.

¹⁹ K. Pollman, ‘Etymologie, Allegorese und epische Struktur. Zu den Toren der Träume bei Homer und Vergil’, *Philologus* 137 (1993), 232-51, em 233.

²⁰ U. v. Wilamowitz-Moellendorff, *Die Heimkehr des Odysseus. Neue homerische Unter-suschungen* (Berlin, 1927), 87.

²¹ J. Hundt, *Der Traumglaube bei Homer* (Greifswald, 1935), 78-81.

²² L. Rh. Rank, *Etymologiseering en verwante verschijnselen bij Homerus* (Assen, 1951), 105.

²³ E. L. Highbarger, *The Gates of Dreams: An Archeological Examination of Vergil, Aeneid VI. 893-9* (Baltimore, 1940).

²⁴ Ver Russo (n. 4), 103 em 562-3.

quanto à verdade²⁵. Alguns eruditos da Antiguidade interpretavam a diferença entre as portas de marfim e de chifre baseados nas associações entre chifre-córnea, marfim-dentes e a crença de que se deveria depositar mais fé naquilo que se vê do que naquilo que se fala. Outros explicam a verdade/engano das portas de chifre e marfim respectivamente baseados na transparência/falta de transparência do material do qual elas são feitas. Qualquer um pode ver através do chifre (!), mas ninguém pode ver através do marfim (*Schol. in Od.* 19.562, 563, *Eust. Comm. in Od.* 19.562).

No meu julgamento, a diferença entre as duas portas pode ser explicada da seguinte maneira: em contraste com o chifre, o marfim é um material visivelmente notável e esplêndido. Uma aparência cintilante é freqüentemente ilusória, enquanto que a verdade (representada pelo chifre) freqüentemente passa despercebida. Sonhos que derivam da porta de chifre causam menor impressão, mas provavelmente se cumprem (ver também Sérvio, *Comm. in Verg. Aen. VI.* 893 [122ff. Thilo-Hagen]).

Não é simples esclarecer em que extensão as portas de sonhos são invenção do poeta ou contêm alguma crença popular da qual não somos cientes. A distinção entre duas coisas, onde uma é positiva e outra negativa, aparece em diferentes passagens dos poemas homéricos (e.g. *Il.* 24.527-8: jarras de Zeus com bons e maus presentes). Trata-se, portanto, de um modo de favorecimento usado pelo poeta.

²⁵ Ver A. Amory, 'The Gates of horn and ivory', *YCS* 20 (1966), 1-57, em 50-7.